

LITERATURA E POLÍTICA: A TRAJETÓRIA DE UM POETA MILITANTE NO INTERIOR DA BAHIA (1930-1975)

*Maria Aparecida S. de Sousa**
*Carlos Gomes Borborema***

RESUMO

Entre 1930 e 1964, Vitória da Conquista, cidade localizada no sertão da Bahia, conheceu um intenso movimento cultural marcado pela participação de seus membros na política local, em sintonia com os acontecimentos políticos da Bahia e do Brasil. Dentre os intelectuais desse período, destacou-se o poeta Camillo de Jesus Lima que, aproximando-se das idéias comunistas da época, procurou difundir-las através de artigos, crônicas, poemas, correspondência e na sua vida cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunismo; Intelectual; Literatura; Política.*

O Brasil, a partir da década de 20, foi palco de inúmeras transformações em sua estrutura socioeconômica, que provocaram importantes mudanças na vida política, com a inserção de novos atores vinculados ao meio urbano. A *Revolução de 1930*, a despeito da polêmica acerca da sua natureza, e seus desdobramentos representaram o início da chamada política de massas, resultado da crise da economia cafeeira, do desgaste político das oligarquias agrárias e de um acentuado processo de industrialização e urbanização (Fontes,

* Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestre em História pela UFMG. E-mail: mariaap@uesb.br

** Licenciado em História pela UESB. Ex-bolsista do Pibic/CNPq. E-mail: carlos.borborema@bol.com.br

1997). Na Bahia, entretanto, a disputa em torno da redefinição do papel do Estado foi conduzida pelos próprios coronéis, o que revela algumas particularidades regionais (Fonseca, 1998, p. 39).

Vitória da Conquista, principal cidade da região sudoeste da Bahia, fornece um exemplo desta permanência do controle da atividades política pelos grupos políticos tradicionais. No entanto, uma expressiva participação do poeta Camillo de Jesus Lima na política local sugere que novas práticas passaram a ser cultivadas ao lado de condutas antigas que, como o coronelismo, resistiram ao tempo na região. A análise de sua trajetória permite aflorar novos elementos para a história política da região, no período entre 1930 e 1975, possibilitando a abordagem do processo de assimilação das idéias propagadas pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) em uma localidade distante e isolada dos centros mais dinâmicos do país.

Nascido em 8 de setembro de 1912, na cidade baiana de Caetité,¹ Camillo de Jesus Fagundes Lima desde cedo foi introduzido no universo da leitura sob a orientação do seu pai, Francisco Fagundes Lima, que o incentivou a ter os primeiros contatos com grandes clássicos da Literatura e da História, estimulando-o ao autodidatismo, à descoberta do prazer no rigor dos estudos e ao aprendizado do inglês, francês, castelhano e latim. Seu pai tornou-se ainda, para ele, um referencial como escritor, através de poemas e romances em que retratava, de forma contundente, a realidade social baiana e brasileira, marcada por uma estrutura extremamente conservadora, sobretudo no que diz respeito à política. Ao lado da mãe, D. Esther Barbosa de Lima, e do seu tio-avô, Plínio de Lima, poeta caetiteense, Camillo de J. Lima cresceu num ambiente familiar propício ao desenvolvimento do interesse e do talento para os escritos literários e políticos.

Quando a Coluna Prestes percorreu o sertão baiano, em meados de 26, *articulando sua longa marcha de 24.000 Km pelo interior do país para “manter viva a chama da revolução”* (Mendonça, 1996, p. 260), suas lideranças se alojaram na casa da família Lima, em Caculé, para onde esta havia se mudado em meados dos anos 20. Camillo Lima, ainda menino, já rabiscava os seus primeiros poemas e, mesmo não compreendendo o significado daqueles conturbados acontecimentos, ficou impressionado com as *qualidades heróicas* de seu principal líder, o general Luís Carlos Prestes, conforme revelou tempos depois:

¹ Caetité é uma das mais antigas cidades do Sudoeste Baiano, município desde 1810, do qual Vitória da Conquista se emancipara em 1840.

Nunca ninguém exerceu tanta influência em minha vida como Luiz Carlos Prestes. Aquela figura apostólica do homem pálido, longa barba negra e fala suave, afagando minha cabeça, enquanto, lá fora, os homens da Coluna fervilhavam na praça de terra vermelha, nunca mais saiu da minha lembrança através dos anos. Era na vila de Caculé, e eu era, nesse tempo, um menino pálido e acanhado de catorze anos. Quando começaram a vir à tona os meus pendores literários, lembro-me bem que, inspirado por uma reportagem de O Jornal junto aos exilados brasileiros que trabalhavam na Bolívia ainda sob o comando do bravo revolucionário, escrevi um longo poema, inçado das falhas indispensáveis aos poetas de quinze anos, em que descrevi a figura suave e simpática do General Prestes (Lima, 1945a).

Assim, desde sua infância até a juventude, o poeta respirava literatura e política, mas tais aptidões só puderam ser totalmente exercitadas na década de 30, período em que a família Lima se mudou para Vitória da Conquista.

OS JORNAIS CONQUISTENSES E O NASCIMENTO DE UMA CULTURA POLÍTICA

A instalação definitiva da família Lima em Vitória da Conquista coincidiu com importantes mudanças no cenário político nacional. Com efeito, a derrota de Getúlio Vargas nas eleições presidenciais, em março de 1930, resultou em sua ascensão ao poder através do recurso às armas. Na Bahia, os vencedores na disputa eleitoral também não chegaram a tomar posse, tendo sido nomeado interventor o tenente Juracy Magalhães que liderava a oposição no Estado e a Aliança Liberal, partido de Vargas.

Como Vitória da Conquista refletia as tendências políticas da capital baiana (Souza, 1999, p. 130), o intendente Otávio Santos foi obrigado a renunciar pelos membros da Aliança Liberal, que tinha como presidente o Cel. Deraldo Mendes Ferraz, fazendeiro oriundo das famílias tradicionais conquistenses, que comandará a política local de 1930 até a implantação do Estado Novo em 1937. Nesta nova conjuntura, a oposição à Aliança Liberal passou a ser articulada pelo ex-prefeito Cel. Justino da Silva Gusmão, também representante da elite local, e pelo médico Régis Pacheco,² maior liderança na política conquistense, desde a década de 20, e que integrou a Liga de Ação e

²Luiz Régis Pacheco Pereira era um jovem médico quando chegou a Vitória da Conquista em 1922 para combater uma epidemia de varíola. Casou-se com a filha do Cel. João Fernandes de Oliveira Santos, se integrando ao tronco das famílias tradicionais da cidade. Por causa da sua formação profissional, pouco comum na região, e de suas práticas clientelistas tornou-se, a partir da década de 20, uma das mais expressivas lideranças políticas da região. Cf. Dantas; Fonseca; Medeiros, 1995.

Política (LASP), criada em janeiro de 1933 com o intuito de combater a política das interventórias.³

O Cel. Deraldo Mendes era apoiado pelos poetas e jornalistas Laudionor Brasil e Bruno Bacelar de Oliveira, tendo este último assumido, por cerca de quinze dias, o cargo de intendente do Município de Vitória da Conquista por ter sido um dos líderes do movimento que provocou a renúncia de Otávio Santos (Viana, 1982, p. 157). O apoio desses intelectuais não se resumia na composição do Partido Liberal Conquistense ou na participação no movimento que disputava o poder; também incluía a divulgação das propostas e do discurso da Aliança Liberal, pautada pela mitificação de alguns de seus líderes, notoriamente por meio do semanário **O Combate**⁴ e da coletânea de artigos, que ambos haviam escrito, intitulada **De Lenço Vermelho**, publicada em 1930. Além disso, esses jornalistas produziram uma série de críticas aos governos e lideranças adversárias, tanto em âmbito local como nacional:

Por essa época - agosto de 1929 - dois jovens idealistas em Conquista, com a ingenuidade adorável dos românticos e dos entusiastas, acreditaram ser aquela a hora de salvação do Brasil. [...] Se eles odiavam e repeliam, com justa indignação dos bem intencionados, a posição antidemocrática e antipopular do governo Washington Luiz, não compreendiam o caráter reacionário da Aliança Liberal. [...] Assim Laudionor A. Brasil e Bruno Bacelar de Oliveira de namorados transformaram-se em apaixonados da Aliança, que tão bem sabia pintar-se aos pés da deusa atiraram braçadas de retórica, nuvens de ditirambos, ao tempo em que transformaram as gotas de tinta, com que escreviam, em gotas de veneno contra os senhores da política local e os mandões da política nacional (Lima, 1949b).

Esse quadro conjuntural, de relação entre a cultura conquistense e os seus políticos, foi encontrado por Camillo de Jesus Lima ao chegar à cidade em meados de 1935. Na verdade, desde os anos 10, com o primeiro jornal, **A Conquista**, a cidade já contava com um conjunto considerável de intelectuais, entre escritores, professores, poetas e jornalistas, que se reuniam em torno das gazetas sertanejas – como eram denominados os jornais locais. Assim, ao despontarem os primeiros produtores e difusores culturais de Vitória da Conquista, as lideranças tradicionais procuraram influenciar e controlar também

³ A LASP foi criada a partir da luta da oposição baiana à intervenção imposta pelo governo provisório. Assim como os revolucionários paulistas, lutava-se para livrar a Bahia do jugo alienígena e militar, exigindo que o chefe do governo da Bahia fosse baiano e civil (Dantas; Fonseca; Medeiros, 1995, p. 90).

⁴ Semanário fundado e dirigido por Laudionor Brasil. Circulou entre 1929 e 1964. Apesar de se autodenominar independente e noticioso, manteve durante toda sua existência relações estreitas com grupos políticos locais.

a cultura, de maneira que esta pudesse lhes beneficiar. Com efeito, isso fica evidente quando se nota que boa parte dos proprietários, jornalistas e colaboradores dos jornais eram ligados, por descendência, relações de compadrio ou conveniências pessoais e políticas, às famílias tradicionais que controlavam o poder na região. Instrumentos importantes de (in)formação política e intelectual e de propaganda, os jornais locais permitiam, também, a veiculação das produções literárias de seus colaboradores.

O jovem poeta, recém-chegado à cidade, logo se integrou ao grupo de intelectuais locais, constituindo amizade duradoura com Laudionor Brasil, Erathosthenes Menezes e outros colaboradores de **O Combate**,⁵ no qual passou a publicar seus poemas e crônicas literárias:

Seis anos depois [da publicação de O Combate em 11 de agosto de 1929] cheguei a Conquista; aproximei-me de Laudionor Brasil e do seu semanário, onde encontrei Clóvis Lima e Erathosthenes Menezes, que ali começaram a dar os primeiros passos no caminho das letras. Dono de erudição primorosa, Flaviano Dantas esclarecia nossas dúvidas, abrindo um rápido sorriso na face sofredora, porque ele sorria e só podia sorrir para quem gostasse das letras. Laudionor Brasil – o já consagrado Laudionor Brasil – escancarou-nos as colunas de O Combate, após judiciosas ponderações a respeito do que nós escrevíamos, ponderações aceitas tácitas e orgulhosamente. Eudides Dantas – o pássaro cego que só sabia sofrer cantando – aquecia o inverno do sofrimento ao calor que vinha de nós e subia a quarenta graus (Lima, 1971a).

Nas numerosas crônicas escritas por Camillo Lima, transparece a forte influência que **O Combate** e seus dirigentes exerceram em sua formação, especialmente política: o ambiente frutífero para discussão e análise contribuiu para seu amadurecimento como intelectual.

Nos primeiros anos do jornal de Laudionor Brasil, a propaganda anticomunista era intensa na imprensa nacional, com ressonância nos veículos de comunicação locais, particularmente em razão da violenta onda de repressão desencadeada após o fracasso da insurreição de 1935⁶ e do caráter ameaçador em relação à ordem estabelecida na década de 30, que se atribuía a qualquer mobilização popular. Camillo Lima, em seus primeiros artigos,

⁵ A afirmação é de Dilson Ribeiro de Oliveira, que tinha em comum com Camillo de Jesus Lima a amizade com o médico Régis Pacheco. Entrevista concedida em 29 de março de 2000.

⁶ Em fins de 1935 a Aliança Nacional Libertadora, associada ao Partido Comunista, unindo várias correntes, algumas delas inclusive antagônicas até este momento – *tenentes*, comunistas, socialistas etc. – numa grande frente ampla democrática para o combate às tendências autoritárias em vigor, acabou resultando em uma insurreição, que foi reprimida com violência por ameaçar o governo Vargas (Mendonça, 1996).

mostra ter assimilado os princípios da política liberal conservadora, defendidos pela linha editorial de **O Combate**, expressando-os na constante defesa do Estado e de suas instituições, do patriotismo e do sentimento nacionalista, que começava a ser disseminado nesse período:

*Espectador atento; na medida das suas forças, estudioso assíduo dos jornais que tentam nos pôr a par do que se desenrola dentro dessa vastíssima e complicada política nacional, o rabiscador destas linhas, pela firmeza da acusação e pela retidão da defesa, não tenta adiantar um juízo sobre o caso. Não acredita que os Sr. Adalberto Correia firmasse os alicerces da sua denúncia num pedestal de nuvens, ou num monte quebradiço de areia; como, duvida, também, que o Ministro do Trabalho e atualmente da Justiça, tenha traído um passado de senso comprovado e uma cultura que honra o Brasil, dando o braço apoiador, ou mesmo um sorriso de complacência, aos que, **tentando contra a Pátria, em novembro de 35, não tergiversaram em sacrificar vidas inutilmente, em holocausto sangrento e louco às ambições assassinas moscovitas** (Lima, 1937. Grifo nosso).*

Desse modo, o poeta começa a se apresentar como um dos principais mentores da política conquistense, ao lado de Euclides Dantas, Laudionor Brasil e Bruno Bacelar. Mas, nos anos seguintes, seu pensamento refletiria as vicissitudes da conjuntura política.

As primeiras experiências dos intelectuais conquistenses com a imprensa, a partir de 1910, ainda não correspondiam a um efetivo envolvimento nas práticas políticas locais. Atuando em órgãos como **A Conquista**, que, em 1911, passou a representar os interesses do Partido Republicano Conservador, **A Notícia**, que circulou entre os anos 20 e 30 e **A Semana**, impresso entre 1922 e 1930 sob o comando de Deraldo Mendes Ferraz, esses intelectuais tinham como função legitimar as ações políticas das principais lideranças. De certa maneira, a produção literária e jornalística de Camillo de Jesus Lima, acompanhada por sua participação direta no emaranhado jogo político local, revela um pioneirismo no entrelaçamento da intelectualidade conquistense com as tendências definidoras do quadro político da década de 40 que se avizinhava.

Após a instalação do Estado Novo, em 1937, o quadro político na Bahia apresentou modificações, em razão de o tenente Juracy Magalhães não apoiar o novo regime, tendo renunciado ao cargo de governador do Estado, para o qual foi nomeado outro interventor – o coronel Antônio Fernandes Dantas, depois substituído pelo engenheiro Landulfo Alves de Almeida. Em

decorrência, a política dos municípios baianos foi alterada, na medida em que, para se estabelecer uma rede de sustentação ao regime, tornava-se necessário substituir os prefeitos. Em Vitória da Conquista, Régis Pacheco, o único líder capaz de confrontar os aliados de Juracy Magalhães (como Deraldo Mendes Ferraz) e amigo de Landulfo Alves (Fonseca, 1999, p. 44-45), foi nomeado prefeito, em 1938, cargo que exerceria até 1945. Camillo de Jesus Lima foi indicado para a função de secretário da prefeitura por ter se tornado uma pessoa de sua confiança e *um rapaz intelectual de valor*.⁷ Isso se confirmava na prática, pois o poeta assumia o poder executivo sempre que o prefeito se ausentava, sem, no entanto, jamais ter tomado qualquer decisão mais importante, como atestam os documentos do Executivo.⁸ De qualquer forma, o escritor ganhou notoriedade e um espaço importante na poder municipal, o que lhe propiciou uma maior aproximação e credibilidade junto à classe política conquistense. Seus fortes vínculos com os políticos, principalmente Régis Pacheco, personagem representativa do clientelismo característico da cultura política regional, foram explicitados pelo próprio Camillo:

A sinceridade e a bondade de Régis, tão incomuns aos políticos, deram causa à afinidade que nos liga, desde quando nos conhecemos. Fiz-me seu amigo, ao chegar a esta terra, lá para os idos de 1935; tornei-me alvo de sua confiança, demonstrada ao correr dos anos em que trabalhamos juntos, na Prefeitura de Conquista; transformei-me, por convicção, em seu companheiro de lutas e tenho orgulho ao dizer que jamais desertei do seu comando (Lima, 1958).

Ainda no ano de 1938, o poeta, junto com outras personalidades conquistenses, idealizou e fundou a *Ala dos Intelectuais*, uma associação de caráter literário que, posteriormente, passou a se chamar *Ala das Letras de Conquista*. Tal instituição contribuiu muito para o desenvolvimento da cultura regional, publicando trabalhos de escritores locais e divulgando obras de autores nacionais e estrangeiros. A *Ala das Letras de Conquista* proporcionou a Camillo Lima, que fora seu presidente por longo período, a possibilidade de amadurecer suas idéias políticas e de exercer grande influência na cultura e na política conquistenses.

Afirma o pesquisador Mozart Tanajura que foi no seio desse organismo

⁷ A afirmação é de Dilson Ribeiro de Oliveira, em entrevista concedida em março de 2000.

⁸ Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista. Livro de Atos do prefeito municipal do período de 02 de janeiro de 1939 a 02 de julho de 1940 e Livro de Decretos-Leis Municipais de 16 de janeiro de 1940 a 11 de agosto de 1945.

que surgiram, no início dos anos 40, as principais obras da literatura conquistense, *dignas de figurar na história da literatura da Bahia ou do Brasil*, como *Vinte anos de amor e de tortura*, de Laudionor Brasil; *Árvores mortas*, de Euclides Dantas; *As trevas da noite estão passando*, de Laudionor Brasil e Camillo de Jesus Lima; e *Poemas, novos poemas, cantigas da tarde nevoenta*, de Camillo de Jesus Lima (Tanajura, 1992, p. 113).

Em 1942, o poeta foi agraciado com o *Prêmio Raul de Leoni* de melhor poeta jovem do Brasil, ao vencer o concurso da Academia Carioca de Letras com o livro *Poemas*, derrotando dezenas de candidatos de todo o país e se firmando como um dos expoentes da poesia baiana (Rocha, 1943). Em 1945, foi convidado, provavelmente como resultado do seu prestígio, pelos escritores baianos Jorge e James Amado para o Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores como *um dos representantes da nova intelectualidade baiana*.⁹ A pronta divulgação deste acontecimento pela imprensa local, contribuiu ainda mais para alavancar sua influência.

A rigor, o movimento intelectual da *Ala das Letras de Conquista*, além de impulsionar a produção literária dos escritores locais, possibilitou o debate de temas políticos que ressoavam no país, o despertar do compromisso de escritores e poetas com as classes populares, bem como o recebimento de obras de caráter literário e político dos mais diferentes recantos.¹⁰ E, mais importante, esse movimento propiciou a introdução da cultura política difundida pelo Partido Comunista do Brasil. Em razão disso, a *Ala das Letras de Conquista* criou uma vasta rede de ligações não só com os intelectuais de Salvador, como de todo o território nacional, contribuindo para dirimir as dificuldades de acesso às obras de interesse de seus membros.

Para Rubim, o Partido Comunista do Brasil, mesmo atuando por longo tempo na clandestinidade, *buscou sempre estruturar durante toda a sua existência uma rede de aparatos culturais, que destinada a seus militantes e/ou a um público mais amplo, realizou parte significativa de sua intervenção político/ideológica* (1995, p. 22). Com efeito, a documentação indica que a *Ala das Letras de Conquista* serviu para o contato de Camillo de Jesus Lima com uma literatura voltada para temáticas

⁹ Cf. PRIMEIRO Congresso Brasileiro de Escritores. O Combate. Vitória da Conquista, p. 4, 17 jan. 1945.

¹⁰ Segundo Aníbal Viana, a criação da *Ala* teve uma ampla repercussão, recebendo diversas mensagens e livros para a sua biblioteca (1982, p. 640), que misteriosamente desapareceram após a morte do secretário da instituição, Laudionor Brasil. De fato, em várias crônicas, Camillo de Jesus Lima confirma o envio de livros para a redação de *O Combate*, onde ficava sediada a *Ala*.

sociais, como a dos russos Gorki, Dostoiévski, Tolstói, entre outros. Desse modo, mais do que colocar em segundo plano todo o romantismo e conservadorismo político do início da carreira, a leitura de tais autores serviu, de forma direta ou indireta, como uma ponte para a literatura marxista ou comunista:

Mas a vida foi correndo. Não tão depressa como a Legião Azul corre da Rússia. Veio Voltaire. Veio Rousseau. Vieram Freud e o doce Renan. Dostoiévski, epiléptico sofria na casa dos Mortos. Os famintos e os revolucionários de Gorki chegavam uivando como lobos. As correntes dos forçados de Tolstói vinham rebrilando ao sol. Os grevistas de Dias da Costa e de Jorge Amado caíam, morrendo de fome e ódio. [...] O Deão de Canterbury contou a história de um mundo que ele descobriu. E Marusia Chubikova, nas ruas de Stalingrad, encheu, pela última vez, os olhos moribundo com a luz da liberdade. [...] Foi essa cambada que me fez passar a tesoura na cabeleira romântica (Lima, 1943).

Além da difusão das obras desses autores, os acontecimentos externos que provocaram a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) também contribuíram, indiretamente, para a diminuição da propaganda anticomunista, propiciando a aproximação de inúmeras pessoas aos ideais inspirados pela União Soviética, momentaneamente desfocada dos *ataques* constantes da imprensa, absorvida pelo desenrolar do conflito com os nazi-fascistas. Dentre os principais fatores que contribuíram para uma adesão significativa ao Partido Comunista do Brasil estão *a fascinação despertada pelo legendário “cavaleiro da esperança”, a derrota do nazi-fascismo e o imenso prestígio da aliada e vitoriosa URSS* (Rubim, 1995, p. 66). No rastro desses episódios, diversos textos marxistas são publicados, favorecendo o descrédito de muitos mitos que haviam sido criados em torno da União Soviética (Rubim, 1995, p. 42).

A aproximação de Camillo de Jesus Lima em relação aos princípios defendidos pelo Partido Comunista do Brasil não resultou no rompimento do vínculo com Régis Pacheco, liderança política local e legítimo representante da política tradicional, considerado *por muitos um político dotado de tolerância, embora conservador* (Dantas; Fonseca; Medeiros, 1995, p. 69). Camillo encontrou nas páginas de **O Combate** um espaço livre para veicular suas idéias, sem precisar recorrer a subterfúgios que comprometessem o conteúdo do pensamento que comungava naquele momento. A inclinação humanista de alguns escritores ligados ao **O Combate** contribuía para sua autonomia laborativa.

Laudionor A. Brasil – filho da classe operária que se adaptou à média burguesia – sentindo na sua própria carne as contradições de um sistema social em agonia, tem sabido pautar a sua norma diretiva em O Combate, no sentido de uma franca compreensão da causa popular. Se o misticismo – que lhe vem de uma religiosidade inata – não permite passar do seu socialismo utópico, romântico e platônico a uma ação revolucionária científica, nunca transformou o seu semanário – que vive e se alimenta da burguesia – em arauto da reação ou da exploração do homem pelo homem (Lima, 1949a).

Durante as décadas de 40 e 50, Camillo Lima produziu inúmeras crônicas políticas e artigos, regularmente veiculados com o objetivo de tornar público o ideário comunista, que prevaleceram sobre as matérias anticomunistas que haviam infestado as páginas do jornal na década anterior. Os escritos jornalísticos do *poeta proletário* – como gostava de se autodefinir – tratavam, basicamente, de questões sociais, a partir da leitura que fazia do marxismo-leninismo e da propaganda oficial da URSS, do *heroísmo* de lideranças comunistas internacionais e nacionais, como Prestes, do avanço da luta pelo socialismo, e de outros temas, que serviam como sustentáculo para as suas elaborações:

Não se dá por acaso a decisão dos operários de todo o mundo na luta contra as ameaças da guerra imperialista; contra as ameaças de uma nova agressão à União Soviética – a pátria do socialismo – e às Repúblicas Populares que, de maneira até então inédita, caminham para o socialismo a passos largos. [...] O 1º de Maio é, pois, mais uma reafirmação de que não morreram no vácuo as palavras de Marx e Engels, no final do Manifesto: PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS! (Lima, 1949b, Grifo do autor).

Também constituía tema frequente em suas crônicas políticas o ataque sistemático ao nazi-fascismo e aos seus interlocutores no Brasil, os integralistas. No final dos anos 40, o sentimento nacionalista passou a incorporar o painel de idéias políticas expressas em seus escritos. A chamada *campanha do petróleo* recebeu grande atenção de sua parte por vários meses. Nesses momentos que aproveitava para criticar o sistema capitalista em sua fase imperialista e seus variados mecanismos de dominação. Além disso, aspectos da política local e regional também foram analisados por Camillo Lima, que, desta forma, produziu um vasto material analítico sobre a conjuntura local, nacional e internacional de sua época.

Além de crônicas e artigos, o poeta dedicou-se à publicação de poemas, contos e romances com viés político, em sua maioria, manifestos político-

ideológicos, que por vezes, costumavam ser publicados noutros jornais locais e regionais. Essa instrumentalização da sua produção literária é exemplificada pelo poema *A megera está rondando*, publicado n' **O Combate** em 1947 e posteriormente reeditada n' **O Jornal**, que conforme o próprio autor, foi produzido em repúdio à criação da Lei de Segurança Nacional:

Valei-me, Dom Cavaleiro!
Os filhos dos operários
E os filhos dos camponeses
Estão tremendo de medo
Nas casas enfumaçadas.
A megera está rondando,
Vagando pelas estradas (Lima, 1962a).

Na segunda metade dos anos 50, após a morte de Laudionor Brasil, Camillo de Jesus Lima já não escreveria com tanta intensidade para **O Combate**, muito menos sobre política. Isso fica evidente em matéria não assinada, publicada em 24 de agosto de 1957, pelo jornal **O Conquistense**, que denuncia a ascensão de lideranças udenistas – Nilton Gonçalves e Pe. Luiz Palmeira – à direção do jornal **O Combate**. O declínio da sua produção também pode ser explicado pela crise política enfrentada pelo Partido Comunista depois da denúncia de crimes do stalinismo no XX Congresso de PCUS, em 1956, cuja repercussão fora avassaladora entre a intelectualidade do PC brasileiro (Rubim, 1995, p. 69). Segundo Flávio Viana de Jesus, ex-militante do PCB em Vitória da Conquista, por essa época, Camillo de Jesus Lima já não possuía nenhuma ligação orgânica com o partido, não obstante fosse reconhecido pelas lideranças da agremiação como um defensor dos princípios marxistas.¹¹ Introspectivo, passou a dividir suas atividades entre o Cartório de Registro de Imóveis e Hipotecas em Macarani, que havia assumido em 1945, e uma coluna de crítica literária no jornal **A Tarde**, na capital baiana. Em Vitória da Conquista, escrevia regularmente apenas para **O Conquistense**, jornal que circulou entre 1957 e 1959 com uma linha editorial bastante conservadora. Neste, respondia por uma coluna também sobre literatura e outra, intitulada *Nota de um diário*, onde relatava fatos do cotidiano e de sua trajetória pessoal com algumas pinceladas sobre política. Esporadicamente seus artigos e poemas também eram publicados por outros órgãos de imprensa

¹¹ Em entrevista concedida em setembro de 2000.

local e regional e, até mesmo, na revista **Leitura**, do Rio de Janeiro, então uma das principais publicações literárias do Brasil. Porém, somente no início dos anos 60 é que encontraria, novamente, espaço para explicitar suas reflexões, no semanário **O Jornal** (mais tarde **O Jornal de Conquista**), fundado em 1958 pelo jornalista Aníbal Vianna.

A ARTE ENGAJADA NO SERTÃO BAIANO

O posicionamento político adotado por Camillo de Jesus Lima refletia a polarização ideológica esquerda-direita que setores da intelectualidade brasileira enfrentavam desde a década de 20. O seu engajamento com a esquerda tomou, inicialmente, a forma de uma constante defesa do regime comunista da URSS e da política dos partidos da esquerda brasileira, de crítica ferrenha ao integralismo – que possuía representantes em Vitória da Conquista – e ao nazi-fascismo. Logo depois, tornou-se defensor da luta pela redemocratização do país e pela anistia política, e buscou chamar a atenção para a luta e o ideal do Partido Comunista do Brasil, através de seu principal líder: Luiz Carlos Prestes.

Na luta política que se aproxima, todos os olhos estão voltados para vós. Os olhos dos politiquieiros que prometem e não dão garantias das suas promessas. Os olhos de reação que tudo há de fazer para que o capitalismo e a burguesia progressistas não atendam à oportunidade que lhes está sendo oferecida para uma solução pacífica e concreta dos grandes problemas que infelicitam a terra. Os olhos vessos do fascismo que fingem olhar para frente mas que estão olhando somente para a direita.

[...] A luta pelos vossos direitos será estudada, ainda uma vez, a 15 de julho, pelo mártir e herói das vossas reivindicações. [...] Vinde, pois, ouvir Luiz Carlos Prestes, “filho do povo” e “amigo do povo”! (Lima, 1945b).

A queda da ditadura Vargas e a chamada *redemocratização* de 45 deram início à consolidação da política populista no cenário nacional. No Estado da Bahia e na cidade de Vitória da Conquista, particularmente, a política também passa a se revestir de alguns aspectos do populismo, aos quais o coronelismo e suas práticas tradicionais, ainda bastante influentes, tiveram que se adaptar. De fato, com o desenvolvimento urbano e comercial da cidade, a partir da década de 40, surgiram novos agentes sociais desvinculados do sistema de favores dos coronéis, e que lhes impunham novas exigências. Dessa forma, a disputa político-partidária local se desdobrava entre os partidos que

comandavam o jogo político: o PSD, vinculado ao populismo e extremamente elitista, e a UDN, legítima representante da elite agrária conservadora. Na prática, entre esses dois partidos, não havia maiores diferenças quanto à composição uma vez que *as principais lideranças interioranas da UDN e do PSD eram antigos coronéis* (Dantas; Fonseca; Medeiros, 1995, p. 71). Em Vitória da Conquista também foram criados, após o processo de reorganização partidária, outros partidos menores como o PTB, sem a mesma força que possuía no Centro-Sul; o PRP (Partido de Representação Popular), antigo Partido Integralista; e o Partido Comunista do Brasil (PCB), que continuou atuando mesmo depois da ilegalidade, decretada em 1947 (Miranda; Alves, 1999, p. 143), e que tinha entre seus quadros um abnegado Camillo de Jesus Lima.¹²

*Eu só tenho uma vaidade na vida: não ser desses intelectuais que esmagam a consciência ao peso das gorjetas; não ter colocado minha vocação a serviço de uma ideologia morta e decomposta, a troco de posição, ou de uma vida mais fácil; não ser um daqueles que “perderam o rumo na tempestade” e pensam ser possível “abafar a tormenta com seus cantos de sereia, dentro dos camarotes fechados”. [...] Sou por tudo isso um escritor livre. Muito maior que a indiferença com que, certa vez, recebi, entre festas burguesas, um prêmio literário de uma academia, onde fósseis vaidosos e medalhões circunspectos arrotavam jactâncias, foi a alegria íntima, quase infantil, tão espontânea, com que recebi por intermédio de um amigo, **o meu carnet de escritor comunista. Veio das mãos gloriosas de Prestes essa condecoração que me distinguirá, pela vida afora, e na memória dos meus filhos** (Lima, 1950, Grifo nosso).*

No início dos anos 60, as contradições das práticas populistas ficavam mais evidentes, com a intensificação de movimentos grevistas e a retirada gradativa do apoio das classes patronais ao regime. Também dentro das Forças Armadas existia um grupo *que desde 1954 conspirava abertamente contra Vargas e o Trabalhismo* (Silva, 1996, p. 278). Pressionado pelos limites constitucionais ao seu governo e pelos altos índices inflacionários, Jânio Quadros, na tentativa de conseguir a concessão de amplos poderes pelo Congresso Nacional, renunciou, sete meses depois de assumir a presidência. A posse do vice-presidente João Goulart ocorreu em meio a uma crise política e econômica, o que o levou a se aproximar

¹² Apesar das referências explícitas à sua vinculação ao PCB, não conseguimos detectar a data precisa da filiação de Camillo Lima ao partido.

dos setores nacionalistas, dos partidos de esquerda e das organizações sindicais, buscando nas ruas, através de manifestações de massa e de comícios, a base que lhe faltava no Congresso. Dessa forma, ele avançou em direção à política externa do *não-alinhamento*, à tendência estatizante e às reformas de base (Chacon, 1985, p. 356).

Em Vitória da Conquista, essa estratégia de unidade entre amplos setores se concretizou com a organização de uma seção local da *Frente de Libertação Nacional*, em 1961, sob a orientação do V Congresso do Partido Comunista Brasileiro,¹³ que recomendou a aliança das forças progressistas em defesa da soberania nacional (Pinsky, 1985, p. 65). Assim, a composição da *Frente* em Vitória da Conquista era demasiadamente ampla, pois tinha entre seus participantes muitos dos representantes das classes patronais da região – fazendeiros, especificamente. Ao dar sustentação ao grupo político ligado a Régis Pacheco, líder do PSD na região, na prática, a frente corporificava a pretensão ampliativa do PCB:

A Frente de Libertação Nacional, seção de Vitória da Conquista, foi instalada no dia 7 de novembro de 1961. Conforme seu programa tratava-se de um movimento apartidário, nacionalista, reunindo todas as pessoas bem intencionadas, sem distinção de partido político, classe ou condição social, pregava a reforma agrária, limitação dos lucros, confisco de fortunas ilícitas, reforma urbana, encampação de empresas estrangeiras, luta contra o capital espoliador e o imperialismo (Viana, 1982, p. 167-168).

Nas acirradas eleições de 1962, o grupo que formava a base da *Frente de Libertação Nacional* em Vitória da Conquista apoiou abertamente o candidato do PSD, o engenheiro José Fernandes Pedral Sampaio, para o cargo de prefeito municipal. Ao que tudo indica, militantes e simpatizantes do PCB em Vitória da Conquista vislumbraram no novo governo um espaço que, pelas possibilidades que oferecia, deveria ser ocupado:

Nós que defendemos de público e peito aberto a candidatura do Engenheiro J. Pedral ao cargo de prefeito de Vitória da Conquista, estamos no dever de trazer ao seu conhecimento toda e qualquer ação que possa prejudicar os seus propósitos

¹³ Para driblar o argumento formal utilizado na sentença que lhe cassara o registro em 1947, de que o nome Partido Comunista do Brasil deixava implícito tratar-se de uma organização internacional ligada à URSS, sendo o PCB uma mera seção *do Brasil*, a direção do partido modificou seu nome para Partido Comunista Brasileiro, em Agosto de 1961. Somente em 1962 foi criado, por um grupo dissidente, o PCdoB (Partido Comunista do Brasil), que procurou resgatar a antiga denominação. Cf. Levy, 1980, p. 24.

*de servir à sua e nossa terra, dentro de um sistema de compostura, de renovação dos métodos administrativos, da lisura no gerir a coisa pública.*¹⁴

No âmbito nacional, o presidente João Goulart não conseguiu contornar a crise, que avançava na medida em que lideranças civis, principalmente da UDN, articulavam com os comandos militares um golpe de Estado. A justificativa, que visava dar legitimidade ao golpe, baseava-se na doutrina da Segurança Nacional, a partir da qual se forjou a ideologia de subversão da ordem pelas forças de esquerda. Para Otávio Ianni, *a derrubada do Governo de João Goulart – em 1º de abril de 1964 – está inspirada na interpretação de que o País estava sendo campo de uma verdadeira guerra revolucionária* (1978, p. 142).

Aproveitando-se desse contexto, caracterizado pelo declínio da política populista e pelo início de uma forte repressão às mobilizações populares como também das ligações entre o governo municipal com filiados e simpatizantes do PCB e nacionalistas conquistenses, o grupo de oposição local, liderado por membros da UDN, utilizou-se de uma manobra golpista para tomar o poder. Na prática, nos treze meses de administração, o governo de José Pedral Sampaio sequer logrou alcançar o reformismo propagado em campanha e, por isso, não representava nenhuma ameaça à nova ordem que estava sendo imposta. Todavia, para os udenistas, *era importante caracterizar o oponente como “subversivo” e “comunista”, buscando sua desmoralização pública e evidenciando sua aparente ou real contestação à nova ordem estabelecida* (Dias, 1999, p. 206). Conforme Aníbal Vianna, contemporâneo dos acontecimentos, eles teriam denunciado o governo local como foco centralizador de subversivos e agitadores comunistas (1982, p. 90). Como consequência, muitas pessoas, ligadas ou não ao grupo político instalado na administração municipal, foram presas no rastro das ações repressivas. Entre as primeiras estava Camillo de Jesus Lima.

Após ter sido libertado – quase dois meses depois – Camillo Lima reduziu sensivelmente a sua produção literária e jornalística. Anos mais tarde, deixaria transparecer sua desilusão e a perda do entusiasmo pela ação política:

Sempre apliquei minhas leituras aos momentos. Agora, quando o solo árabe, israelita e vietnamita continuam a ser ensopado com sangue, e quando o terrorismo condenável enluta lares e pátria, releio, de preferência, livros de caráter pacifista,

¹⁴ Manuscrito de Camillo de Jesus Lima do Arquivo pessoal do professor Mozart Tanajura.

e faço como se aplicasse um paliativo às emoções que os noticiários de guerra e perturbações da ordem pública me trazem (Lima, 1971b).

Não obstante, o poeta só interromperia sua produção literária ao falecer, desprovido de riqueza material, num trágico acidente, em março de 1975, tendo deixado inúmeros escritos políticos e literários ainda inéditos.

DO HUMANISMO AO COMUNISMO: O PENSAMENTO POLÍTICO DE CAMILLO DE JESUS LIMA

Além da erudição advinda do estudo das línguas e da literatura clássica, o pensamento de Camillo de Jesus Lima, nos primeiros anos de sua vida pública, em meados de 1930, foi fortemente marcado por um humanitarismo que muito se assemelhava àquele do período das *Luzes*, no século XVIII. O humanitarismo buscava traduzir, na prática, a idéia então corrente de *humanidade* (qualidade inerente ao homem, ideal de cultura que torna o homem verdadeiramente humano), fundamentada nos conceitos de *civilização e cultura* (o movimento coletivo de passagem do estado da natureza ao estado da cultura), e de *progresso* (o caminho da barbárie à civilização). Estas idéias, e as práticas nelas fundamentadas, eram concebidas não como resultado da intervenção divina, mas da experiência racional e dos esforços humanos. As mais significativas expressões desse humanitarismo foram o *otimismo jurídico*, a *filantropia* e a *beneficência* (Falcon, 1989, p. 68).

É, sobretudo, pela ação filantrópica e beneficente que se expressa o sentimento humanitário, isto é, a consciência das injustiças sociais e humanas que devem ser compensadas com iniciativas de benfeitoria, de associações voluntárias. Para os humanistas, de maneira geral, é por meio das mais variadas formas de beneficiar os pobres, doentes, desempregados, que se dá o processo de humanização.

Desde muito jovem, o poeta Camillo de Jesus Lima demonstrou ter conhecimento das disparidades sociais e manifestou preocupação com as condições de sobrevivência das camadas populares. Este sentimento decorria de uma formação profundamente humanista, um traço da sua personalidade que seria aprofundado posteriormente. Possivelmente foi em razão desse solidarismo que, por vezes, reconheceu e incentivou práticas assistencialistas de seus próprios adversários políticos: *O Núcleo Integralista desta cidade, num gesto*

digno de louvor, sustenta, não sem alguns sacrifícios, uma aula noturna, freqüentada por mais de cem crianças pobres (Lima, 1936).

O amadurecimento do pensamento de Camillo de Jesus Lima solidificou a admiração que nutria pelo *revolucionário e grande humanista* Luiz Carlos Prestes, uma imagem meio romântica do *Cavaleiro da Esperança* que povoou seu imaginário desde a adolescência. Seu humanismo adquiriu nova feição com as leituras atentas de obras marxistas, *seis horas por dia*, desde que havia se fixado em Macarani. Nestas obras, ele buscava fundamentação para interpretar as especificidades da realidade brasileira:

*Tenho lido muito e escrito muito mais. Estou elaborando um trabalho sério, em que tento estudar os fenômenos históricos da nossa terra, digna de melhor sorte, tomando por base o materialismo dialético. [...] Embora não tivessem ainda encontrado as verdadeiras causas do desenvolvimento histórico [...] Fourier, Owen, Saint-Simon e alguns outros já percebiam a falta de senso do invocar uma hipotética vontade divina como causa da marcha da história e das transformações sociais.*¹⁵

O marxismo-leninismo, em sua variante stalinista, que predominou nas suas formulações analíticas. Nestas se encontravam interpretações do materialismo histórico-dialético, das teses da mais-valia, da luta de classes, do avanço do capitalismo – *na última forma composta de imperialismo monopolista tão bem dissecada pelo cérebro genial de Lenin*¹⁶ – e de suas contradições etc. Tais idéias tinham uma forte conotação dogmática, devido ao fato de tratar-se de um pensamento monolítico, tendo como único porta-voz e difusor o PCB (Rubim, 1995, p. 80), o que levava a uma interpretação mecânica dos princípios marxistas. Além disso, a conjuntura influenciava o seu pensamento, em razão da forte ligação do PC brasileiro com a URSS, sobretudo no que diz respeito à propaganda política do Estado stalinista:

*O fascismo é um índice de debilidade da burguesia, um sintoma de que suas bases estão rachadas. A burguesia precisa dele para preparar e guiar a guerra imperialista contra a U.R.S.S. – a pátria do socialismo que o grande Marechal Stálin constrói e conserva. O fascismo é, pois, um aspecto da burguesia, em ofensiva desencadeada e violenta contra a classe operária. Não vê agora o cuidado com que os capitalistas ingleses e americanos acalentam o bandido Franco e o miserável Salazar?*¹⁷

¹⁵ Correspondência de Camillo Lima para Erathosthenes Menezes de 1948. Arquivo do Museu Regional de Vitória da Conquista.

¹⁶ Ver nota anterior.

¹⁷ Ver nota 15.

Desse modo, a URSS era concebida por Camillo de Jesus Lima como o lugar de concretização das idéias de Marx e Lenin, onde se promoviam o progresso e a justiça social, espaço da plena liberdade, da democracia e do processo de humanização. Para Jorge Ferreira, o fato de *a União Soviética ter sido o único país a crescer durante a grande depressão, parecia comprovar a superioridade do regime de economia planificada, e, por isso, a eleição da URSS como lugar da utopia nada tinha de fantasioso ou quimérico* (1998, p. 82). O *Marechal Stalin* era considerado por Camillo Lima um exemplo de homem e de líder revolucionário, um grande humanista que não mediu esforços para derrotar o autoritarismo das forças nazi-fascistas. Evitando anacronismos, é importante assinalar que o posicionamento do poeta relacionava-se com a estrutura propagandista político-cultural montada por Moscou e pelo PCB. Grande exemplo disso foi a idéia de *inimigo número um* do comunismo, de *contra-revolucionário* e de *oportunista*, que ele freqüentemente emitia sobre Leon Trotski, expulso da URSS e assassinado em 1940, no México, por divergir expressamente da política comandada por Stalin.

Em sua opinião, o regime comunista consagrado na União Soviética poderia ser perfeitamente implantado em determinadas sociedades democráticas, sem que fosse necessária a passagem pela *ditadura do proletariado*. Aqui expressava claramente uma orientação stalinista que acabava encontrando sustentação em alguns fatos internacionais e nacionais, como o estabelecimento do socialismo no Leste Europeu, a vitória do Partido Trabalhista inglês e a *redemocratização* do Brasil em 1945. Isto porque, para os comunistas, o êxito das democracias populares instaladas no Leste Europeu era a confirmação da superioridade da URSS, amparada por dados e informações *grandiosas e otimistas: Nos jornais, os números eram sempre aos milhares, como os da Pátria-Mãe* (Ferreira, 1998, p. 90).

Camillo Lima também apoiava incondicionalmente a política partidária e a luta constitucional pelo poder da esquerda nacional, além da aliança com os setores populistas e nacionalistas como estratégia política. Mas, possuía consciência da fragilidade de tal aliança e dos verdadeiros interesses da burguesia nacional. Assim, ao mesmo tempo em que defendia a *campanha do petróleo* como resistência à intromissão imperialista, considerava esse nacionalismo demagógico e parte de um mecanismo de conservação do sistema capitalista:

Dedico-me, hoje, pois, a esse trabalho - liberto que sou, graças à cultura que tenho obtido, dos preconceitos da classe burguesa. Só assim poderemos destruir esse patriotismo caipira e ufanista que define, que inutiliza as forças vivas da nação, como o ópio e a Bíblia, entorpecentes usados pelos conquistadores, no sentido moral e físico de neutralizar a ação das colônias conquistadas. Não sei se você leu Zé Brasil, do grande Monteiro Lobato, que a polícia fascista do Ademar de Barros arrancou das livrarias em São Paulo. Que antídoto, Eros,¹⁸ contra esse nacionalismo mentiroso e falso que o capitalismo ensina para a sua garantia!¹⁹

Por vezes, a sua interpretação do marxismo-leninismo apresentava oscilações, o que demonstrava alguma independência. Entretanto, a maior parte das suas análises é representativa de uma visão predominantemente reduzida a um esquema político-ideológico. Em certos momentos demonstrava inquietação e angústia com as contradições da sociedade mas, ao mesmo tempo, reafirmava sua confiança em um futuro prenhe de mudanças:

Quem quiser que fique parado, defendendo os interesses da burguesia agonizante, que se debate no parasitismo e na decomposição desta hora imperialista. Eu encaro o futuro, e tenho a certeza científica de que o poder será tomado pelo proletariado, na busca do socialismo, pois este papel lhe está reservado na história.²⁰

As suas criações literárias – poemas, contos, romances e críticas literárias, publicadas pelos jornais das mais variadas correntes políticas – não poderiam ser rotuladas como puro reducionismo, haja vista o lirismo e o romantismo presentes em várias composições. Não se pode negar, contudo, que sua concepção de arte tenha sido influenciada pelas formulações políticas, defendidas pelo Partido Comunista, de que a arte deveria expressar-se na forma de *consciência social*. A função da arte deveria ser a de retratar a realidade e promover, acima de tudo, a denúncia das mazelas, das injustiças sociais e das contradições do real. Essas formulações foram corporificadas na *teoria da ciência proletária* e na *estética do realismo socialista* (Rubim, 1995, p. 68). Destarte, para Camillo Lima, a supervalorização e o abuso dos temas de caráter emotivo, pessoal e fantasioso, em detrimento de enfoques de caráter social e político, significavam uma desprezível redução criativa na perspectiva burguesa. Na literatura, especialmente, importava mais o conteúdo humano e social do que as formas, e suas maiores referências, nesse sentido, foram Pablo Neruda,

¹⁸ Eros era a maneira como Camillo se referia, intimamente, ao amigo Erathosthenes.

¹⁹ Ver nota 15.

²⁰ Ver nota 15.

Graciliano Ramos e Jorge Amado (Lima, 1948). Alguns intelectuais conquistenses, tempos depois, se sentiriam influenciados por suas proposições de criação literária, mudança significativa no cenário da poesia local:

No sábado passado, os semanários da cidade trouxeram dois poemas que, pelo conteúdo, merecem atenção especial de quem se interessa pelos destinos da literatura: Revolta, de Erathóstenes Menezes e Filhos da Sarjeta, de Aroldo Ramos. A turma cabocla está chegando para a linha de frente, isto é, está começando a dar à literatura o sentido real de participação dos problemas sociais. Antes tarde do que nunca. Os meninos resolveram, mesmo, a deixar em paz as estrelas, a lua, os gatinhos, os colibris, as princezinhas impossíveis, as dores de cotovelo, os problemas íntimos e pessoais, que não são, afinal de contas, de ninguém (Lima, 1962b).

Por fim, o exame do pensamento de Camillo de Jesus Lima permite-nos penetrar no universo de uma cidade interiorana, em um período marcado por profundas movimentações políticas. Todavia, tal análise explicativa apenas indica a complexidade da sua experiência de vida diante das particularidades, crenças e incertezas reveladoras do seu tempo.

FONTES

LIMA, C. de J. Abêcê do Cavaleiro da Esperança. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1-2, 28 dez. 1945. (1945a)

_____. Cartas para os camaradas encarcerados. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1, 7 mar. 1950.

_____. Conversinha sobre dois poemas. **O Jornal**. Vitória da Conquista, n. 131, p. 2, 7 abr. 1962 (1962b)

_____. A escola noturna do Núcleo Integralista. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1, 19 abr. 1936.

_____. O espelho onde a Pátria se reflete. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1, 7 fev. 1937.

_____. A gargalhada da morte. **O Jornal de Conquista**. Vitória da Conquista, p. 2, 23 jan. 1971. (1971b)

_____. História curta e simples. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1, 22 nov. 1943.

_____. Luiz Carlos Prestes vai falar ao povo. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1, 7 jul. 1945. (1945b)

_____. A megera está rondando. **O Jornal**. Vitória da Conquista, n.128,

- p. 2, 17 mar. 1962. (1962a)
- _____. Nos vinte anos de “O Combate”. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1-3, 11 ago. 1949. (1949a)
- _____. Notas esparsas de uma tarde fria. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1-2, 14 jul. 1948.
- _____. Onze de agosto. **O Jornal de Conquista**. Vitória da Conquista, n. 492, p. 3, 11 set. 1971. (1971a)
- _____. O que significa o 1º de maio. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1-2, 26 maio 1949. (1949b)
- _____. Régis. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1, 02 nov. 1958.
- ROCHA, H. Um poeta do interior baiano premiado no Rio. **O Combate**. Vitória da Conquista, p. 1-3, 30 out. 1943.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHACON, V. **História dos partidos brasileiros**: discurso e práxis dos seus programas. 2. ed. Brasília: Ed. da UNB, 1985.
- DANTAS, E.; FONSECA, H. J.; MEDEIROS, R. H. A. **Régis Pacheco, 1895-1987**: Esboços Biográficos. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/UESB, 1995. (Série Memória Conquistense, 1)
- DIAS, J. A. Poder local e repressão na conjuntura do golpe civil-militar de 1964. In: AGUIAR, E. P. (Org.). **Política: O poder em disputa** (Vitória da Conquista e região). Museu Regional de Vitória da Conquista/UESB, 1999. p. 200-211. (Série Memória Conquistense, 4)
- FALCON, F. J. C. **Iluminismo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- FERREIRA, J. URSS: Mito, utopia e história. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro: Sete Letras; Niterói: UFF, v. 3, n. 5, p. 75-103, jul. 1998.
- FONSECA, H. J. Formação política do Sudoeste da Bahia. In: AGUIAR, E. P. (Org.). **Política: O poder em disputa** (Vitória da Conquista e região). Museu Regional de Vitória da Conquista/UESB, 1999. p. 20-54. (Série Memória Conquistense, 4)
- FONTES, J. R. A revolução de 1930 e os trabalhadores. **O olho da História**. Revista de História Contemporânea. Salvador, v. 1, n. 4, p. 67-92, jul. 1997.
- IANNI, O. **O Colapso do Populismo no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LEVY, N. O PC do B: continuidade e ruptura. **Revista Teoria e Política**.

São Paulo, n. 1, p. 22-59, 1980.

MENDONÇA, S. R. de. Estado e sociedade: a consolidação da República oligárquica. In: LINHARES, M. Y. (Org.). **História Geral do Brasil: da colonização portuguesa à modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Campus, 1996. p. 252-266.

MIRANDA, E. G.; ALVES, V. S. Vitória da Conquista: da redemocratização (1945) às sucessões municipais de 1950 e 1954. In: AGUIAR, E. P. (Org.). **Política: O poder em disputa** (Vitória da Conquista e região). Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/UESB, 1999. p. 134-162 (Série Memória Conquistense, 4)

PINSKY, J. A formação do Estado Nacional no Brasil: origens do problema. In: BRUIT, H. (Org.) **Estado e burguesia nacional na América Latina**. São Paulo: Ícone, 1985. p. 61-85

RUBIM, A. A. C. **Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

SILVA, F. C. T. da. A modernização autoritária. In: LINHARES, M. Y. (Org.) **História Geral do Brasil: da colonização portuguesa à modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Campus, 1996. p. 273-303.

SOUZA, B. de J. Uma leitura da vida política em Conquista na Primeira República. In: AGUIAR, E. P. (Org.) **Política: O poder em disputa** (Vitória da Conquista e região). Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/UESB, 1999, p. 96-133 (Série Memória Conquistense, 4)

TANAJURA, M. **História de Conquista: crônica de uma cidade**. Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, 1992.

VIANA, A. L. **Revista Histórica de Conquista**. Vitória da Conquista: Gráfica do Jornal de Conquista, v. 1, 1982.

LITTÉRATURE ET POLITIQUE: LE PARCOURS D'UN POÈTE MILITANT À L'INTÉRIEUR DE BAHIA (1930-1975)

RÉSUMÉ

Entre 1930 et 1964 Vitória da Conquista, ville située dans le sertão de Bahia, a connu un intense mouvement culturel marqué par la participation de ses animateurs à politique locale, sans perdre de vue les événements politiques de Bahia et du Brésil. Parmi les intellectuels de cette période, s'est mis en évidence le poète Camillo de Jesus Lima qui, en s'approchant des idées communistes de l'époque, chercha à les diffuser à travers des articles, chroniques, poèmes, lettres et dans sa vie quotidienne.